

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**DO CINEMA DE ESTADO AO CINEMA FORA DO ESTADO: GUINÉ-BISSAU**  
**15 de Maio de 2024**

**LABANTA NEGRO / 1966**

*Realização:* Piero Nelli *Fotografia:* Eugenio Bentivoglio *Voz:* Nino Dal Fabbro *Tradução do crioulo da poesia e cantos populares:* Joyce Lussu *Tratamento de cantos e folclore de Guiné Cabo Verde:* Sergio Pagoni *Produção:* REIAC film realizzazioni indeipendenti autori cinematografici (Itália, 1966) *Direcção de produção:* Marina Piperno *Cópia:* Archivio Audiovisivo del Movimento Operaio e Democratico, ficheiro digital (a partir de original em película), preto-e-branco, versão falada italiano em falas em português com legendas electrónicas em português, 40 minutos *Notas de genérico:* 2-15 de Fevereiro de 1966 diário de paz e de guerra [...]; este documentário foi visto pelo Comité de Descolonização da ONU reunido em Argel de 16 a 21 de Junho de 1966, como prova documental da situação da “província portuguesa do ultramar” da Guiné Cabo Verde *Estreia:* Agosto de 1966, no Festival Internacional de Cinema de Veneza *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**MADINA BOÉ / 1969**

*Realização:* José Massip *Produção:* Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica (Cuba, 1969) *Cópia:* Archivio Audiovisivo del Movimento Operaio e Democratico, ficheiro digital (a partir de original em película), preto-e-branco, versão original falada em castelhano, português, línguas indígenas com legendas em italiano e legendas electrónicas em português, 37 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca:* : 24 de Outubro de 2016 (“A Cinemateca com o DocLisboa – Por um Cinema Impossível: Documentário e Vanguarda em Cuba”).

**NO PINTCHA / 1979**

*Realização:* Sergio Spina [no genérico: Unidade de telefilme e Instituto Nacional da Guiné-Bissau] *Colaboração:* Sergio Spina, Serge Michel, Florentino Flora Gomes, Sana Na N’Hoda, Jose Bolama, Josefina Lopes Crato, Laurence Henry, Dabana Piki, Vincenzo Vertecchi, Carla Morselli, Bruna Amico *Produção:* INC-Instituto Nacional do Cinema (Itália, Guiné-Bissau, 1979) *Cópia:* Archivio Audiovisivo del Movimento Operaio e Democratico, ficheiro digital (a partir de original em película), cor e preto-e-branco, versão original com legendas electrónicas em português quando falado noutras línguas, 48 minutos *Título na película:* NO PINTCHA – AVANTI – *Notas de genérico:* O caminho da Guiné-Bissau depois da morte de Amílcar Cabral e a conquista da independência; esta investigação assenta em material fílmico e sonoro inteiramente realizado por uma equipa de cinema da Guiné-Bissau *Primeira apresentação na Cinemateca.*

**NOTA**

**A duração total da projecção é de 125 minutos. Os filmes são apresentados em ficheiros digitais do Archivio Audiovisivo del Movimento Operaio e Democratico. O terceiro título do programa, *No Pintcha* foi transcrito para digital com a imagem abrangendo os fotograma anterior e seguinte a cada fotograma nos limites superior e inferior da imagem. Este “erro” é constante ao longo de todo o filme e nesta projecção, na sala Luís de Pina, não é possível “mascará-lo”. Pelo facto, visualmente ingrato, a Cinemateca apresenta as suas desculpas e agradece a compreensão dos espectadores.**

---

Repetir que as histórias estão todas contadas é o que é. Uma frase feita. Com a qual muitas pessoas cresceram como devendo ser tomada por verdade absoluta. O preâmbulo serviria para começar um texto sobre a segunda longa-metragem de ficção do cineasta americano que construiu a sua obra no cinema documental, Frederick Wiseman: *Um Casal* (2022, neste momento em cartaz) funde a vitalidade da natureza com uma interpretação de Nathalie Boutefeu no papel a solo de Sophia Tolstaya, adaptando escritos dos diários e cartas da mulher de Lev Tólstoi que, dando-lhe voz a ela, trazem à superfície uma face dissonante da personalidade do escritor russo em trinta e seis intensos anos de vida em comum. Podia também servir – outro mero exemplo – uma dissertação sobre um encontro de escritoras em Maio

de 2024, em Lisboa, no *Felicidade – Festival da Língua e da Liberdade na Cidade*, promovido pelo CCB pelos 50 Anos passados sobre Abril de 1974: Gisela Casimiro, Tatiana Salem Levy e Dulce Maria Cardoso participaram numa mesa à volta das “Insubmissas lágrimas de mulheres” concordando nesse ponto. Também artista-activista luso-guineense, Gisela Casimiro lembrou nessa ocasião que se vê como uma contadora de histórias ciente da necessidade de cada qual em ampliar a voz dos outros. Parte do debate do século XXI passa por aqui.

É uma questão latente no programa da sessão que reúne três títulos de meados dos anos 1960 a finais da década seguinte, produzidos por Itália, Cuba, Guiné-Bissau, procurando reflectir a realidade da Guiné à volta da *guerra da libertação*, da *independência* que, do lado europeu, português, o vocabulário foi alinhando com a história *colonial, pós-colonial*. *Labanta Negro*, *Madina Boé* e *No Pintcha* integram uma filmografia de luta pela libertação de Guiné-Bissau que acompanhou os esforços de Amílcar Cabral em prol da consciência dessa luta e da sua construção como acto de afirmação de um povo. Essa filmografia, que remonta a 1964, 65, datas de *Lala Quema* e *A Nossa Terra*, de Mario Marret, prosseguiu com *Labanta Negro*.

É de *luta anti-colonial* que fala *Labanta Negro*, arrancando ao som de batuques sobre imagens fixas de homens e mulheres, militares e civis africanos. E a advertência acima transcrita como informação de genérico – *este documentário foi visto pelo Comité de Descolonização da ONU reunido em Argel de 16 a 21 de Junho de 1966, como prova documental da situação da “província portuguesa do ultramar” da Guiné Cabo Verde*. A “aglutinação” Guiné Cabo Verde refere o movimento do PAIGC – Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde – que então organizava a luta pela independência de ambos os territórios. A narração *off* apõe-se às imagens depois de um plano que fixa a majestade das árvores num luminoso contra-picado, assentando o filme em material filmado em Fevereiro de 1966, em localidades identificadas em legendas-separadores. Como o *diário de paz e de guerra* inscrito no genérico: documento de luta a partir das zonas libertadas e já empenhadas em edificar as estruturas de uma sociedade civil sobre os escombros deixados pelas ofensivas portuguesas.

Produzido pelo Instituto Cubano de Arte e Indústria Cinematográfica, *Madina Boé* regista, por sua vez, a crua violência de um traumático episódio da guerra em Madina, no Boé, bem como a educação política dos combatentes ou técnicas de guerrilha, integrando uma rara entrevista de Amílcar Cabral. Denunciando o elemento explorador – notou Francisco Valente por ocasião de uma projecção de 2016, na Cinemateca –, o filme realizado pelo cubano José Massip apresenta a narrativa do explorado num momento de recomeço da história do país a partir do território a que vai buscar o nome. É, aliás, pela referência precisa do território e das suas características que se começa, em direcção ao coração dessas outras trevas. Logo dando, no entanto, sinal de claridade na narração *off* de tom espanhol: “um dia irrigaremos Boé e Boé terá uma agricultura florescente [...]”. Não era ainda o tempo: “Na aldeia de Madina, no centro de Boé, o inimigo tem uma base poderosa. Atacamos essa base para que o inimigo não respire em paz, se vá embora para sempre e nos deixe o nosso país que é apenas nosso.”

Um pouco mais tardio, *No Pintcha* foi realizado durante o 3º Congresso do PAIGC Congresso da Independência para a Unidade e o Desenvolvimento (1977), propondo uma alusão em *flashback* a cinco séculos de dominação portuguesa, e tomando o pulso à situação na Guiné depois da morte de Amílcar Cabral em 1973. A perspectiva de uma construção de futuro independente do colonialismo português, assenta no desenho de um rastreio de problemas a resolver, carências a suprir tanto ao nível agrícola ou das infraestruturas como de estratégia económica e desenvolvimento ou da própria organização social e familiar. Os testemunhos de Cabral (imagens de arquivo de 1970), Aristides Pereira, Lília Boal, Francisca Pereira, Luís Cabral (datados de 1977, 1978) são um eixo do filme que levanta não poucas questões, assumindo-se ainda hoje como uma “peça” de reflexão.

Maria João Madeira